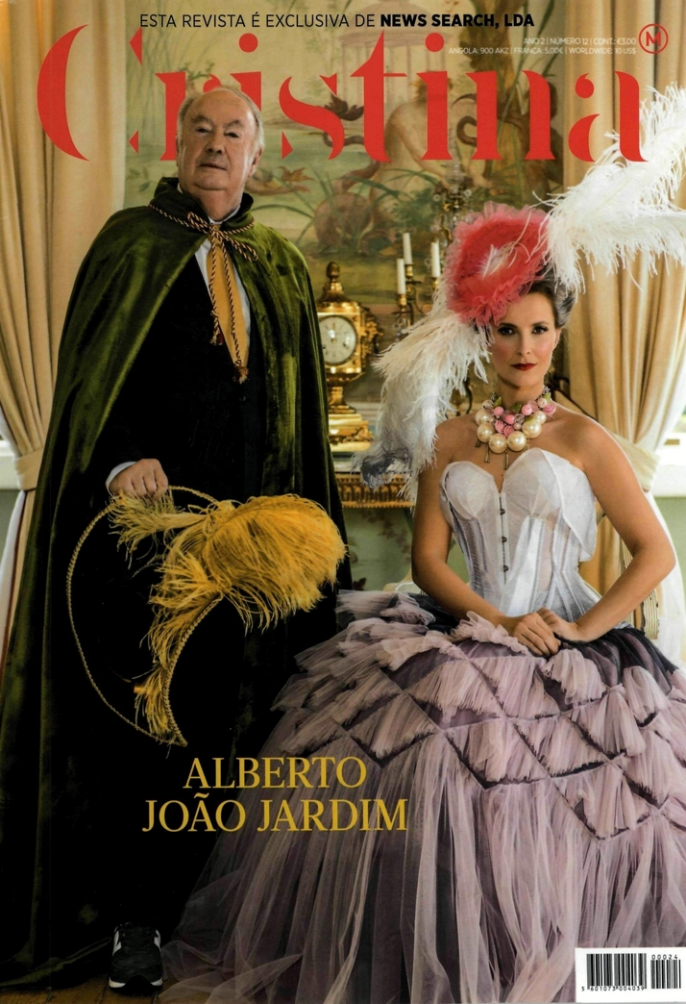
ESTA REVISTA É EXCLUSIVA DE **NEWS SEARCH, LDA**

Cristina

ANO 2 | NUMERO 12 | CENTS: €1,00
ANGOLA: 900 AKZ | FRANÇA: 3,00€ | WORLDWIDE: 10 US$



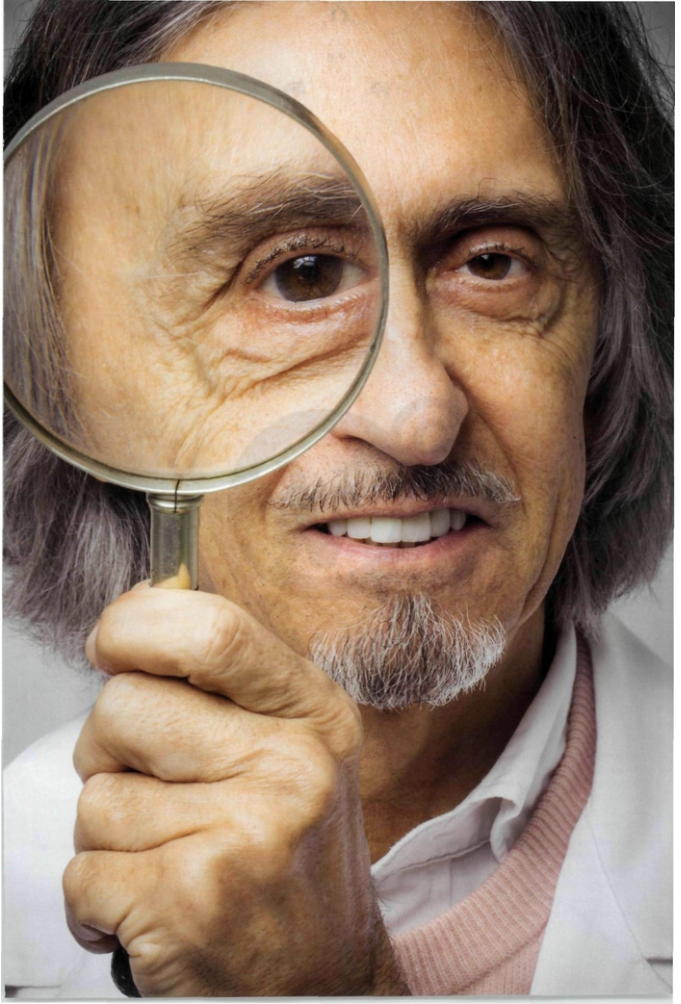
ALBERTO JOÃO JARDIM

FRANCISCO IBÉRICO NOGUEIRA

"A pessoa envelhece naturalmente, mas existirá sempre um lapso entre a idade real e a idade que aparenta."

DEFENDE QUE A BELEZA PERFEITA NÃO EXISTE. PRESERVAR A IDENTIDADE INDIVIDUAL DE CADA PACIENTE É PARA O CIRURGIÃO PLÁSTICO FRANCISCO IBÉRICO NOGUEIRA, COM EXPERIÊNCIA HÁ MAIS DE 30 ANOS, UMA PRIORIDADE E OBRIGAÇÃO. ESPECIALIZOU-SE NA CLÍNICA FLUMINENSE DE CIRURGIA PLÁSTICA EM NITERÓI, NO RIO DE JANEIRO, EM DEZEMBRO DE 1981, E HOJE DEDICA-SE, EM GRANDE PARTE, AO REJUVENESCIMENTO FACIAL.

entrevista de **Joana Côrte-Real** | fotografia **Jorge Simão**





"Eu convenço muitas pacientes a não serem submetidas a tratamentos dos quais não vão beneficiar em nada."

Que tipo de tratamentos ou procedimentos estéticos é que as mulheres procuram mais?
As mulheres são mais pressionadas pela sociedade para se manterem jovens e bonitas. Eu tive a sorte de ter trabalhado com grandes mestres da cirurgia mundial de rejuvenescimento facial e sou muito procurado para tratamentos desse tipo, cirúrgicos e não cirúrgicos. A maioria dos pacientes pretende tratamentos faciais, rinoplastias e blefaroplastias, a cirurgia das pálpebras.

Fazer este tipo de tratamentos é um capricho ou uma necessidade para a maioria das mulheres? E quando é que deixa de ser uma necessidade e passa a ser um capricho?
Em 99 por cento dos casos, quando uma paciente procura um cirurgião plástico é porque se sente infeliz com algum aspeto do seu corpo ou do seu perfil. E, realmente, existem em todos os países as mulheres chamadas dismorfofóbicas, que nunca estão contentes com a imagem e, então, procuram os cirurgiões por uma questão de capricho ou luxo. Já as pacientes europeias, de um modo geral, e as portuguesas, especificamente, procuram um cirurgião plástico quando têm algum grau de dismorfia ou uma insatisfação que lhes proporciona alguma infelicidade. Pretendem com essa consulta, ou tratamento, melhorar a autoestima.

Uma mulher que se sujeita a intervenções faciais, e repete mais do que uma vez, corre algum tipo de risco?
Este tipo de tratamentos, as infiltrações de ácido hialurónico ou infiltrações de toxina botulínica, têm um efeito relativamente fugaz. Por exemplo, o *botox* dura cerca de três meses, e depois deixa de atuar. O ácido hialurónico num ano também é reabsorvido. O efeito desaparece. Depois, pode voltar a ser executado. Os riscos destes tratamentos advêm, muitas vezes, por serem realizados por pessoas sem experiência. Hoje em dia há, inclusive, cabeleireiras a fazerem infiltrações de *botox*. Ora, a maior parte das situações não traz consequências dolorosas para o paciente, mas podem surgir complicações por serem mal realizadas. Essencialmente, a toxina botulínica mal utilizada pode provocar à paciente, por exemplo, uma diplopia, ao ser afetado um músculo que controla a posição dos olhos, e esta passa a ver duas imagens.

Então, o conselho a dar é...
Procurem sempre pessoas especializadas e com experiência demonstrada por instituições credíveis.

Este tipo de cirurgias ou tratamentos podem tornar-se um vício?
Acho que não.

E não há o risco da mulher se tornar artificial?
Acima de tudo tem que haver bom senso. Eu convenço muitas pacientes a não serem submetidas a tratamentos dos quais não vão beneficiar em nada. Apenas vão prejudicar a sua imagem.

Uma das mulheres entrevistadas diz: 'o que fiz não é muito diferente de endireitar os dentes ou pintar o cabelo'. Concorda com esta afirmação?
Na questão estética, não há muita diferença entre pintar o cabelo e, por exemplo, tratar umas rugas. Porque tem tudo a ver com uma melhoria da autoestima, refere-se também à parte psicológica da mulher. Agora, talvez o grau de invasão é que é diferente. No fundo, o que leva uma mulher a pintar o cabelo é sentir-se melhor consigo própria. Quando quer tratar das rugas de expressão é, pura e simplesmente, por uma questão estética. Então, ela tem toda a razão.

O Doutor Ibérico Nogueira também realiza bichectomias, um procedimento tão mais comum fora de Portugal?
Na face existem uns depósitos de gordura na bolsa de Bichat. E a remoção dessa gordura faz com que surja uma convexidade no rosto. É uma espécie de emagrecimento e uma triangularização da face que retira o aspeto arredondado. Antes de qualquer inter-



venção, realizo sempre um estudo virtual com tratamento computorizado de imagem. Perco algum tempo a potencializar a beleza de um rosto e se eu achar que, removendo um bocadinho de gordura, de certos pontos da face, tanto das bochechas como do contorno mandibular, isso valorizará a mulher, então sugiro esse procedimento. *São tratamentos que complementam um facelift.*

Este procedimento tem algum impacto no futuro?

Não tem impacto nenhum no processo normal de envelhecimento. O que acontece é que aqueles sinais visíveis, por exemplo, uma flacidez acentuada, depósitos de tecido adiposo no pescoço ou em torno da região mandibular, dão um aspeto mais cansado à pessoa. Uma vez tratados, ou diminuída a evidência desses sinais, a pessoa vai envelhecendo naturalmente, mas vai existir sempre um lapso entre a idade real e a idade que aparenta.

E a bichectomia é aconselhada a pessoas mais novas, ou não há idade para a realizar?

Eu sigo a filosofia da escola do professor Ivo Pitanguy (Brasil) e do professor Thomas Rees (E.U.A.), ambos falecidos recentemente. A ideia, que eu considero correta nestas escolas, é que é preferível fazer pequenos tratamentos, minimamente evasivos, quando começam a surgir os primeiros sinais de envelhecimento, do que estar a fazer cirurgias agressivas, com recuperações demoradas, em faixas etárias muito superiores. Portanto, é preferível fazer tratamentos *minor*, por exemplo, à base de ácido hialurónico, pequenas lipoaspirações e mini-*lifts*, cedo, do que cirurgias maiores. Até porque mantém a sua juventude sem que ninguém se aperceba que tem ali mão do cirurgião.

Em relação a tratamentos não cirúrgicos, há algum que desaconselhe?

Os fios extensores não funcionam, na minha opinião. Limitam-se a franzir a pele, para tentar disfarçar a flacidez. Para além do tratamento ser fugaz, e não remover realmente o excesso de pele, em poucos meses o efeito desaparece. Muitas vezes, veem-se os fios através da pele e eu estou constantemente a remover-los de pacientes que não estão satisfeitas com os resultados.

Qual seria então a solução?

Quando há flacidez, é preferível recorrer a mini-*liftings*.

A pessoa tem medo de ir à faca, é isso?

Mas não se podem fazer omeletes sem ovos. Essa é a verdade.

É comum fazer-se a rinoplastia e a mentoplastia em simultâneo?

Quando estamos a observar a paciente, percebemos que a projeção do mento ou queixo é insuficiente. Ou é muito procidente ou recolhe. Nessas situações, os cirurgiões sugerem que se aproveite a rinoplastia para corrigir e para balancear o rosto. Fazer uma chamada perfiloplastia. Por vezes, uma prótese de silicone, ou a remoção de uma pequena porção óssea, consegue melhorar muito o perfil.

Uma pesquisa na internet, antes da primeira conversa com o cirurgião, dificulta o trabalho do médico?

Eu acho que o doutor Google até é um aliado dos cirurgiões. Porque a paciente quando vem fazer uma mamoplastia já sabe o tipo de prótese que quer e qual a abordagem a ter. E para nós é importante que a paciente esteja muito bem informada sobre os riscos e complicações. A internet tira-nos muito trabalho.

Há quem lhe peça para ficar igual àquela pessoa famosa?

Há quem traga fotografias e diga que quer o nariz x. E eu respondo de imediato que isso é impossível. O que nós podemos é ver o potencial de beleza de cada paciente e, dentro da sua beleza natural, tentar melhorar de alguma forma. *Tornar o nariz ou o rosto* mais elegante, retirar algum aspeto que possa estar a fazer com que o rosto seja menos equilibrado. Melhorar a sensualidade sim, *mas nunca para copiar. A nossa sociedade não tem nada a ver* com aquele registo dos Estados Unidos em que as pessoas tentam copiar atores de cinema. As pessoas aqui são mais equilibradas. ■